



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

WAILUI MARLI CAMLÉM

AS FORMAS DE APRENDER DA CRIANÇA LAKLÃNÕ/XOKLENG

TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÃNÕ, FEVEREIRO DE 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

WAILUI MARLI CAMLÉM

AS FORMAS DE APRENDER DA CRIANÇA LAKLÃNÕ/XOKLENG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo à Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de licenciada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Linguagens.

Professora Orientadora: Ma Cátia Weber

TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÃNÕ, FEVEREIRO DE 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 08:30 horas, na Aldeia Figueira/ Vitor Meireles/SC, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador **Cátia Weber** e Presidente, Professor **Silvia Maria Oliveira**, Titular da Banca, e Professor, **Maria Dorothea Post Darella** Suplente, designados pela Portaria nº 63/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Wailui Marli Camlem**, subordinado ao título: "A forma de aprendizagem da criança Lakãñ/Xokleng". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Cátia Weber**, a nota final 10, da Professora **Silvia Maria Oliveira**, a nota final 10, e da Professora **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Ibirama Lakãñ, 10 de fevereiro de 2015

Banca Examinadora:

Prof. Cátia Weber

Prof. Silvia Maria Oliveira

Prof. Maria Dorothea Post Darella

Candidato Wailui Marli Camlem



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmica **Wailui Marli Camlém**, matrícula n.º **11100117**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é AS FORMAS DE APRENDER DA CRIANÇA LAKLÂNÕ/XOKLENG, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de março de 2015.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cátia Weber', written over a horizontal line.

Orientadora – Prof.ª Ma. Cátia Weber

Ao meu pai, minha mãe, meu esposo e meus filhos.
As minhas mais belas razões para existir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido minha fonte de inspiração, sempre se fazendo presente na minha vida, me dando força e sabedoria, pela minha perseverança. Aos meus pais Voie Camlém e Cundign Camlem que tem me apoiado na minha escolha, mesmo com as dificuldades da vida, sempre estiveram ao meu lado, ao meu esposo Vinicius Manoel Borges que, junto comigo, tem superado minhas dificuldades, esteve ao lado no momento em que precisei de um amigo, tem me entendido e quando pensei que estava sozinha, me amparou com seu carinho e atenção. Aos meus filhos que foram motivos da minha alegria e tornaram minha vida mais completa.

Agradeço também a pessoa que me conduziu ainda nos anos iniciais de escolarização, com sua dedicação, mesmo que eu não soubesse fazer a primeira letrinha do meu nome, mas com sua paciência me fez acreditar que um dia a luz iria brilhar para mim, me fazer conquistar meus objetivos, o professor e graduando Carli Caxias Popó.

Também não poderia esquecer a minha professora e orientadora Cátia Weber que tem me apoiado nesta jornada, não tenho palavras suficientes para agradecer o que ela tem feito por mim, pela força, paciência e a sua disposição para esta conquista. Aos anciãos que têm sido uma peça fundamental para fazer acontecer este trabalho de conclusão de curso. Ficam aqui as minhas pobres e humildes palavras, mas sinceras de agradecimento a todos que direta e indiretamente têm me apoiado.

Obrigada.

Apresentação

O presente trabalho foi escrito no formato de artigo, contemplando os critérios registrados no documento “Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica”, de 31 de outubro de 2013.

AS FORMAS DE APRENDER DA CRIANÇA LAKLÃNÕ/XOKLENG

Wailui Marli Camlém

Resumo

Este trabalho traz uma breve análise sobre as formas tradicionais de aprender da criança Laklãnõ/Xokleng comparando com as formas aplicadas atualmente. A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ com duas famílias da aldeia Palmeirinha e uma família da aldeia Figueira. Também foram entrevistados três anciãos das aldeias Sede e Coqueiros. Como resultado evidenciei que hoje a criança Laklãnõ/Xokleng tem limites em sua forma de aprendizagem dos costumes tradicionais, devido à influência da cultura não indígena, provocando ao longo de um século de contato mudanças culturais profundas. Para esta análise busquei apoio em autores como Lucília Dias (2011) e Maria das Graças Souza Teixeira (2014), que trabalham há mais de 10 anos com a temática da criança indígena e dos processos de aprendizagem, cujos apontamentos foram essenciais para a compreensão do modo de aprender da criança Xokleng/Laklãnõ.

Palavras-chave: Criança Indígena; Aprendizado; Família.

Introdução

Me chamo Wailui Marli Camlém, nasci em Benedito Novo, estado de Santa Catarina em 29 de abril de 1985, filha de Woie Camlém e Cugdin Camlém. Sou casada e tenho dois filhos. Atualmente resido na Aldeia Figueira, no município de Vitor Meireles. Estudei os anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Indígena Covi Paté, localizada na aldeia Figueira município de Vitor Meireles, no período de 1991 a 1997. Esta era uma escola multisseriada e foi desativada em 2004. Nesse período estudei com o professor Carli Caxias Popó (que foi o meu primeiro professor) e que abriu as portas do aprendizado para mim, possibilitando chegar onde estou. Hoje lembro com carinho o caminho percorrido, os desafios de cada letra que foi citada numa pequena sala, com aproximadamente 30 alunos.

Das crianças que estudaram comigo nesta época, poucas chegaram onde estou hoje, cursando a Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Depois dessa etapa ingressei no 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Fundamental de Ensino Básico João Bonelli, localizada na Barragem Norte, no município de José Boiteux. Nesta escola concluí o Ensino Fundamental no ano de 2001, e continuei meus estudos no Ensino Médio em uma escola não indígena, a Escola Estadual José Clemente Pereira, localizada fora da Terra Indígena, também no município de José Boiteux, onde me formei em junho de 2005.

Este período de escola não foi fácil, mas aqui cheguei, com muita chuva, sol, a construção da Barragem Norte a conter as águas do rio Itajaí Açu, atingindo as aldeias próximas, principalmente as aldeias Figueira, Coqueiro, Sede e Pavão. Muitas vezes tínhamos que caminhar por longos trajetos, por volta de uma ou uma hora e meia, para chegar a nossa residência. Embora sofrendo com as intempéries, tive bons momentos e outros que só Deus poderia me dar forças para superar os desafios e levantar a cabeça todos os dias para caminhar, vivendo com a família, do pouco que conseguíamos de um trabalho sofrido.

Cinco anos depois de me formar no Ensino Médio prestei o vestibular para a Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, aonde me encontro finalizando mais esta etapa de vida com este trabalho de conclusão de curso.

O presente artigo é fruto dessa vivência e de uma pesquisa empreendida que tem como objetivo realizar uma análise etnográfica sobre as formas tradicionais de aprender da criança Laklãñ/Xokleng, comparando com as formas aplicadas atualmente.

Para compreender as formas de aprender da criança Laklãñ/Xokleng busquei pesquisar sobre as pesquisas já realizadas por outros pesquisadores e embora tenha encontrado produções interessantes como as dissertações de Camila Guedes Codonho (2009) e Clarice Cohn (2000) sobre crianças indígenas Galibi-Marworno e Xikrin, respectivamente, entre outras produções da área da antropologia que apresentaram aspectos sobre a criança indígena em diferentes culturas, tais como Egon Schaden (1945) que focou o aprendizado da magia pela criança Guarani durante cerimônias tradicionais; os estudos de Métraux e Dreyfus

(1958) sobre a infância Cayapó do Xingu; nada encontrei especificamente sobre a criança Laklãnõ/Xokleng.

Percebi nas leituras feitas que, com o tempo, diferentes estudos passaram a ver a criança como sujeito social que tem influência na construção de seu próprio mundo. Foi a pesquisa de Nunes (1997), que trata sobre a criança como “ator social ativo”, que mais se aproximou da realidade das crianças Laklãnõ/Xokleng.

Observando as crianças Laklãnõ/Xokleng em seu universo social, percebo que hoje estas apresentam aspectos diferenciados sobre as formas de aprender, as quais se distanciam cada vez mais das formas tradicionais. Nesse sentido, tornou-se importante empreender esta pesquisa que buscou coletar informações junto aos anciãos da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, bem como às famílias cujas estruturas apresentam organizações distintas, as quais acredito que influenciam nas formas de aprender da criança Laklãnõ/Xokleng.

A pesquisa para responder a estas questões foi realizada no período de agosto a dezembro de 2014, na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ, utilizando como instrumentos para a coleta de dados entrevistas abertas e observação participante. Em algumas vezes realizei as visitas nas casas das famílias Laklãnõ/Xokleng acompanhada de meus pais que também são anciãos desse povo indígena, facilitando o diálogo com as pessoas sobre a infância indígena.

Nas próximas linhas são apresentados os resultados deste estudo distribuídos em tópicos como o histórico do povo Laklãnõ/Xokleng, a história da criança e, por último, a forma de aprender da criança Laklãnõ/Xokleng, tendo nas considerações finais uma breve discussão sobre os resultados da pesquisa sobre como é a forma de aprender da criança indígena Laklãnõ dentro do seu contexto social.

1. Para conhecer um pouco sobre o contexto de vida da criança entre o Povo Laklãnõ/Xokleng

O Povo Laklãnõ/Xokleng historicamente viveu no território que fazia parte do seu convívio, mantendo seus usos, costumes, língua, crenças e tradições, que lhes eram passados de geração em geração, através da oralidade e do aprendizado da criança, no convívio com a natureza, para a sua reprodução física e cultural. Era nesse território que a vida Laklãnõ se definia e era ali que criavam e educavam os seus filhos, através de práticas de ensino impressas na sua forma de ver o mundo e que traziam saberes necessários à vida na mata.

Mas depois do contato com os colonizadores a cultura sofreu um impacto muito grande, com influência de culturas diferentes, casamentos com não índio, e a inserção de Igrejas Evangélicas na Terra Indígena.

Mesmo com as dificuldades na preservação da cultura, costumes e tradições, algumas pessoas ainda procuram manter certos aspectos tradicionais dentro da comunidade Laklãnõ/Xokleng. Mesmo com suas dificuldades até hoje o meu povo tem a sua maneira de viver e educar seus filhos na sociedade não indígena. No passado o aprendizado dos saberes necessários entre as crianças Laklãnõ/Xokleng se dava na convivência do dia a dia, caminhando, percorrendo seu território, caçando, pescando e colhendo o que a natureza lhe oferecia. Segundo relato dos nossos anciãos, a caminhada na mata levava longos períodos e no caminho muitas vezes membros da comunidade adoeciam e chegavam a falecer. Por isso muitos pesquisadores e historiadores não indígenas os classificavam como nômades, mas hoje acreditamos que os nossos antepassados só faziam estes trajetos por longos dias, por que as necessidades os levavam, fazendo coletas, pesca e caçadas, retornando depois para os mesmos lugares. Esta forma de deslocamento foi depois caracterizada por pesquisadores como seminômade. (SANTOS 1973; HENRY, 1941; NAMEM, 1994).

A cada caminhada eram vividas novas experiências e desafios, pois muitas vezes nesses trajetos meus antepassados eram surpreendidos por invasores, resultando em confrontos para a sua própria defesa. Nesses confrontos perdiam membros do grupo, entre eles mulheres e crianças que eram abusadas e raptadas até mesmo assassinadas.¹ Nestes casos, as crianças raptadas eram criadas por famílias não indígenas e a educação que era transmitida

¹ Esta informação corresponde a relatos familiares de situações vividas por membros de minha família no período anterior ao contato com os não índios. As histórias dessas violências foram passadas de geração para geração.

pela família adotiva levava a se esquecerem da sua cultura de origem, seus costumes e sua tradição indígena. (SANTOS, 1997).

Nas caminhadas faziam colheita de mel e frutos como o pinhão, porque a natureza tinha em abundância para lhes oferecer. Nestes momentos sempre havia um líder que liderava o grupo, formado por mulheres, homens, jovens e crianças, sempre vivendo e aprendendo em comunidade. A colheita do pinhão era considerada uma dádiva para eles, por que colhiam e conservavam nas águas geladas das cachoeiras e rios a partir de uma técnica própria, que preservavam o alimento para ser consumido na estação seguinte. (SANTOS, 1973). Em função da colheita do pinhão havia disputas de território com outros grupos étnicos, como os Kaingang, e outros invasores não indígenas, ocasionando confrontos violentos.

A criança Laklãnõ/Xokleng antes do contato crescia neste contexto, aprendendo o conhecimento necessário para a sua sobrevivência. Na sequência trago os dados coletados junto aos anciãos e famílias entrevistadas para a pesquisa a respeito das formas de aprender da criança Laklãnõ/Xokleng antes do contato e na atualidade.

2. A forma de aprender da criança Laklãnõ/Xokleng

Segundo os dados obtidos com três anciãos entrevistados para esta pesquisa em setembro de 2014, na Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, as formas de brincar eram generalizadas, não havia uma separação por gênero, pois valorizavam a socialização dos adultos que acontecia com frequência. A socialização entre as crianças também acontecia com frequência, aprendendo em forma de brincadeiras os saberes necessários à vivência nas matas. A liberdade que é citada no decorrer da análise é quando a família confia no aprendizado da criança, pois acreditam que a partir do momento que a criança interage com os adultos, ela está sendo ensinada e educada, e que este é o verdadeiro aprendizado para elas. Nos momentos de convivência os saberes eram repassados em meio às brincadeiras e ao circularem entre os adultos, quando aprendiam como lidar com os espaços na mata, sem

estarem demarcados com fronteiras geográficas definidas pelo não índio, mas conhecidas tradicionalmente por meu povo.

Dessa forma acredita-se que depois da pacificação² a comunidade indígena teve uma mudança muito intensa. Nas décadas de 1960 e 1970 as crianças ainda criavam seus brinquedos, suas brincadeiras e tinham a liberdade de nadar, pescar, caçar pequenos animais. Mesmo assim nunca deixaram de preservar a sua cultura, sua língua, que era importante para manter vivos os valores e métodos tradicionais de ensino para o meu povo.

Hoje a socialização das crianças acontece entre os membros da família nuclear, com os vizinhos próximos e nos momentos de organização política, como a manifestação que está em andamento na Barragem Norte, conhecida como Greve, em virtude das consequências negativas³ advindas das enchentes causadas pelo lago da barragem. O lazer da criança indígena acontece sempre com o acompanhamento de um adulto que normalmente é alguém da família, nos locais públicos como a escola, a igreja, o posto de saúde, o campo de futebol, o rio e as cachoeiras.

² O termo “Pacificação” surgiu devido ao objetivo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que em 1914 promoveu o contato e redução do grupo Laklãnõ/Xokleng na região do Alto Vale do Itajaí, na Reserva Duque de Caxias, hoje conhecida como Terra Indígena Ibirama Laklãnõ. O funcionário do SPI responsável por esta ação foi Eduardo de Lima e Silva Hoerhannn ficou conhecido como o “Pacificador” e o dia 22 de setembro de 1914 como o “Dia da Pacificação”. Embora esta tenha sido uma ação devastadora para a cultura do meu povo Laklãnõ/Xokleng, hoje ainda comemoramos este dia como o momento em que meus antepassados pararam de morrer devido aos enfrentamentos com os bugreiros e colonos da região do Alto Vale do Itajaí.

³ Entre estas consequências negativas está o desbarrancamento do Rio Itajaí que condenou residências localizadas à margem do rio em diferentes em diferentes aldeias como Palmeirinha, Pavão, Bugio, Barragem, Sede, Toldo, Coqueiro e Figueira, fazendo que estas famílias procurassem um novo lugar dentro da Terra Indígena para morar.



Figura 1: Crianças Laklãõ/Xokleng em apresentação para os 100 anos de Contato. 2014. Acervo: Wailui Marli Camlém.

Esta mudança aconteceu devido à cultura não indígena que passou a ser inserida no grupo, influenciando as formas de socialização da criança Laklãõ/Xokleng. Hoje estas mudanças são vistas na lei da criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 2015), nos casamentos não tradicionais, nas igrejas evangélicas, nas escolas, na política interna e na construção da barragem norte na divisa da Terra Indígena Ibirama/Laklãõ, formando novas aldeias, distanciando famílias e vizinhos, limitando o contexto de socialização das crianças e formando novas organizações políticas. (BARTOLOMÉ; BARRABAS, 1997; apud WEBER, 2007, p. 30).

A lei da criança tem uma influência grande dentro das aldeias da TI Ibirama/Laklãõ, criando certos limites na cultura tradicional ensinada para a criança indígena, tendo exemplo no depoimento do ancião 1⁴ que é morador da aldeia Sede e que atualmente reside na aldeia Barragem⁵:

⁴ Para preservar a identidade das pessoas usarei esta forma de identificação.

⁵ Este ancião está morando no acampamento da Barragem Norte, por motivo da manifestação organizada pelo meu povo, conhecido como Greve, em virtude das consequências negativas advindas das cheias provocadas pela Barragem Norte e que tem afetado diferentes aldeias.

Hoje as crianças não tem mais liberdade de sair para fazer sua própria colheita, se não o conselho tutelar já vem para chamar atenção dos pais, também porque hoje moramos longe uns dos outros, na minha época meus pais moravam junto com os outros parentes, o respeito que as crianças tinham uma pela outra era muito grande, a consideração que tínhamos um pelo outro era como de irmão, nós respeitávamos às meninas, tomávamos banhos juntos, nus. Isto acontecia frequentemente e nunca ninguém criava limites para nós crianças, inclusive quem era mais velho de idade é que tinha o dever de cuidar do mais novo. Hoje vemos na televisão que a violência é muito grande (abusos de menores), que até está entrando dentro das aldeias indígenas e isto limita a liberdade que a criança tem. Os parentes já não se conhecem mais, não se respeitam mais, os meninos já não tem mais respeito pelas meninas. Hoje vemos que tem meninas novas, menores de idade que já são mães. Mas pensando bem e analisando, isso também faz parte da nossa cultura se a menina está com o corpo formado de mulher e sempre dá conta dos afazeres domésticos, então está preparada para casar. Está preparada para cuidar do esposo, acompanhá-lo quando for caçar, e coletar frutos. Mas falo também como evangélico, porque desde jovem sou evangélico, este relacionamento de casamento de adolescente não é muito permitido porque é considerado pecado dentro do evangelismo. Hoje frequentamos uma igreja, mas não deixo a minha cultura de lado, sei que precisamos preservar a nossa cultura, nossos costumes. Mas talvez de uma forma mais diferente, contando as histórias dos nossos antepassados, fazendo os nossos artesanatos, não deixando isto morrer.

Conforme este depoimento fica minha observação que no passado a socialização da criança era muito ampla, os cuidados que a sociedade adulta tinha com a criança era em conjunto, transmitindo confiança. Hoje podemos observar que algumas coisas mudaram em relação à educação de nossas crianças, mas, por outro lado, também não se deixa de falar na nossa língua Laklãnõ/Xokleng, sempre incentivando sua oralidade. Portanto, é possível entender que pró vitalizar a cultura, a língua, os costumes e a tradição indígena, é um dos objetivos do povo, da comunidade e meu como membro deste grupo, ao divulgar esses métodos indígenas para a sociedade não índia, para entenderem o quanto é importante a convivência da criança indígena em seu mundo lúdico, dentro da comunidade indígena e também para estimular a troca de conhecimentos entre si.



Figura 2: Criança Laklãnõ/Xokleng em convivência cotidiana com seus avós. 2014. Acervo: Wailui Marli Camlém.

O conhecimento da criança Laklãnõ/Xokleng que é transmitido às novas gerações por meio de métodos próprios de aprendizagem, e que podem ser transmitidos oralmente, fazem parte do conjunto de conhecimentos e conquistas que a criança possui independentemente na escola. Sobre isso Teixeira (2014, p.01) nos coloca que:

A criança aprende através da brincadeira a encontrar sua própria vida, nas pessoas reais, a complementação para suas necessidades afetivas e cognitivas. Ela não precisa mais deformar a realidade para assimilá-la, ela aprendeu a conviver, a lidar, a compensar e a liquidar através da interação com os outros, com objetos reais.

Em minha observação vejo também uma influência intensa do Conselho Tutelar nas famílias indígenas que deixa os pais com certos cuidados mais rígidos, também talvez deixando certa desconfiança. Há também a influência da tecnologia dentro da TI Ibirama/Laklãnõ, como a internet, a televisão, os jogos eletrônicos e outros meios que trazem uma insegurança para a comunidade. Que é considerado como certo medo, medo de se machucar, medo de ser denunciado por descuido, más companhias, se for ao rio medo de se

afoegar quando estiver sozinho, se for à casa cuidado para não se sujar, ou até mesmo de ficar doente. É posto certas regras de cuidados com os filhos, que provém da cultura não indígena, até mesmo evitando a criança ter contato com a natureza da Terra Indígena.

Ao observar a primeira família composta por 4 (quatro) filhos, sendo a mãe uma mulher não indígena e o pai um homem Laklãnõ/Xokleng, que são casados e moradores na TI Ibirama/Laklãnõ, foi possível perceber aspectos importantes que aparecem no convívio da criança com os adultos. A mulher veio de uma família de classe média, mas a interação com a família indígena foi intensa, o convívio entre eles é extremamente importante, a educação de seus filhos deu-se com o convívio intenso das crianças com os avós paternos. Hoje esta família tem a sua casa própria, mas houve um tempo em que eles moraram com seus avós paternos que são artesãos indígenas e confeccionam artesanatos típicos, que a mulher não indígena também aprendeu a confeccionar, devido a uma maior necessidade. Hoje ela também faz seus artesanatos, ensinando a importância para seus filhos, proporcionando uma formação da criança Laklãnõ/Xokleng dentro de sua identidade cultural.

Isto se torna muito importante dentro do contexto de desenvolvimento da criança Laklãnõ/Xokleng, para que ela aprenda a importância que tem sua cultura indígena. Mesmo a mãe sendo uma não indígena, ela compreendeu a importância da cultura indígena e procurou aprender o modo de vida Laklãnõ/Xokleng para passar aos seus filhos.

A segunda família composta por seis membros, sendo o pai e a mãe indígenas Laklãnõ/Xokleng, moradores da TI Ibirama/Laklãnõ desde crianças. Nos primeiros anos do casamento foram morar fora da TI durante dois anos, logo voltaram com seu primeiro filho e depois tiveram os três. Eles são todos indígenas, mas a educação dada aos seus filhos assemelha-se à educação de uma família não indígena, seus brinquedos e suas brincadeiras, a convivência com seus familiares, inclusive somente o pai é falante da língua Xokleng e a mãe e os filhos não são falantes, sendo que a mãe entende apenas algumas palavras.

Embora os pais sejam indígenas, sofreram muita influência da cultura não indígena no seu modo de vida. Por isso se torna preocupante o fato de educar os seus filhos com a cultura não indígena, embora isto também seja uma das preocupações e objetivos da escola, a de levar

este conhecimento como um dos métodos para trabalhar em sala de aula e fazendo a troca de conhecimento com a comunidade indígena.

A educação que esta família transmite para seus filhos é como a educação do não indígena, com limites de circulação para as crianças, que não podem ir até os vizinhos, podendo brincar somente entre si (os irmãos), poucas vezes vão à casa dos avós ou dos tios. Não criam seus próprios brinquedos, pois estes são comprados, embora seus pais não sejam de classe alta, do pouco que ganham com seus trabalhos se mantém muito bem. Uma das coisas que achei interessante é que a mãe é uma artesã, fazendo seus artesanatos e vendendo para ajudar com as despesas da casa. Mas não falam a língua indígena com seus filhos, eles são índios mas são poucas palavras que seus filhos entendem. O que foi possível perceber é que os aspectos da cultura Laklãnõ/Xokleng são poucas vezes passados aos seus filhos. O que me chamou mais atenção foi quando a mãe no seu depoimento disse que ensina os seus filhos a falarem o português primeiro, porque quando era pequena não entendia o português e sempre era criticada.

Por último a terceira família observada é composta por pai indígena e mãe não indígena que vivem na aldeia com a família extensa indígena. Esta família mora na TI Ibirama/Laklãnõ há mais de 15 anos, tem três filhos que convivem muito com a família indígena. Não são falantes fluentes da língua Laklãnõ/Xokleng, mas entendem o idioma, cujo contato se dá entre alguns parentes. Na minha observação a educação e a relação com a comunidade é pouca, devido à educação transmitida a eles no decorrer destes anos, também porque o convívio com os avós maternos é extenso. A educação que eles têm a qual me refiro é a educação de uma criança não indígena. Inclusive estas mesmas crianças que são moradoras com os pais dentro da Terra Indígena, frequentam uma escola não indígena que fica na divisa da aldeia. Sei que isto é uma escolha dos pais, mas interfere na forma de aprender destas crianças indígenas e na sua relação com as outras crianças da comunidade.

Observar esta família me fez refletir que uma das coisas mais preservadas dentro da comunidade indígena é o nome Laklãnõ/Xokleng dado aos seus filhos. São os avós que muitas vezes dão o seu próprio nome aos seus netos, como sinal de carinho e afeto. O que chamou minha atenção para esta reflexão foi devido o nome indígena dado a esta mulher. Ela

inclusive conhece os seus pais biológicos, mas o carinho e o afeto que ela tem pela mãe adotiva é muito grande, e o respeito e a consideração que seus filhos tem pela avó é surpreendente.

Durante a observação e com base nos depoimentos dos anciãos percebi que as crianças Laklãnõ/Xokleng hoje tem menos autonomia do que tinham antes do contato. O convívio com a sociedade não indígena trouxe a troca de conhecimentos, mas também de modos de vida que passaram a influenciar a educação das nossa crianças dentro de suas famílias. Tassinari (2011, p. 11) faz uma colocação importante que explica um pouco o sentido de autonomia da criança nas sociedades indígenas:

Em geral, quando pensamos na autonomia infantil, sempre a restringimos a certas esferas nas quais permitimos que as crianças tomem decisões. As etnografias mostram que as crianças indígenas têm uma liberdade de escolha que nos parece inconcebível, porque lhes permite tomar decisões que afetam diretamente seus pais, familiares ou o grupo mais amplo.

Este raciocínio é explicado por Tassinari ao usar como exemplo um trecho do diálogo de Lévi-Strauss (apud TASSINARI, 2011, p. 11) com uma família Kadiwéu durante a negociação da compra de vasos por eles fabricados:

Quererá aquela índia vender-me este vaso? Por certo que quer. Infelizmente, não lhe pertence. Então a quem pertence? – Silêncio. Ao marido? – Não. – Ao irmão? Também não. – Ao filho? Nem a este tampouco. Pertence à neta. A neta é a proprietária inevitável de todos os objetos que queremos comprar. Olhamos para ela – tem três ou quatro anos, acorçada perto do lume, entretida com o anel que lhe enfiei no dedo há alguns instantes. E começam então com a menina longas negociações nas quais os pais não participam de maneira nenhuma. Um anel de 500 réis deixam-na indiferente. Um broche de 400 réis decide-a.

Fica claro neste diálogo a autonomia da criança Kadiwéu e sua relação familiar, sua posição social no grupo. Isso me faz refletir sobre como tratamos nossas crianças, o quanto ouvimos o que elas querem dizer, a importância que damos aos seus saberes. E assim, cada vez mais entendo que nosso modo de educar apresenta uma mistura de saberes e influências, que em certos momentos vemos o modo tradicional através das relações com os avós indígenas que trazem ainda forte o jeito Laklãnõ/Xokleng de ser. Em outros momentos

percebemos a influência da sociedade não indígena que traz seus medos e limites para a vivência das crianças em sociedade.

Ainda sobre a autonomia da criança Laklãnõ/Xokleng, trago a citação de Cohn (2000, p. 71), que trata dos espaços de trânsito das crianças Xikrin, para compreender melhor como se dá esta ação entre as crianças Laklãnõ/Xokleng:

A velhice também é explicada pelos Xikrin tendo por referência os filhos: velho (*mebengêt*) é aquele que não tem mais filhos. Como destaca a autora, as crianças são excluídas de pouquíssimos acontecimentos do cotidiano e dos rituais dessa sociedade. A elas só não é permitido entrar no *ngà*, casa dos homens, em dia de reuniões, principalmente quando estão realizando o ritual do *bô*, e quando realizado um ritual à noite, momento considerado perigoso, pois os *mekaron*, os espíritos dos mortos, voltam à aldeia. Assim, tendo esse acesso livre em quase todos os espaços da aldeia, as crianças atuam como mensageiras entre as casas, aprendendo na prática as complexas redes de relações sociais e os princípios de reciprocidade que regem essa sociedade. Esse papel lhes cabe por não terem ainda o *pia'am* (“vergonha” ou “respeito”), que caracteriza a relação dos adultos entre si.

Na igreja tem momentos em que a criança tem de estar sentada, ela tem o lugar dela, mas esta transita, sai e anda pela igreja. À criança Laklãnõ/Xokleng é vedada a circulação livre apenas em alguns espaços, como nas reuniões com as lideranças quando em negociação com órgãos e grupos não indígenas. Nas demais reuniões internas onde estão presentes apenas membros da comunidade indígena, as crianças tem livre acesso. Este comportamento ficou evidente também no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, nas aulas ministradas por diferentes professores ou agora no final do curso durante as defesas dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), quando as crianças eram vistas brincando, circulando, sentando próximas aos professores e acadêmicos. Dessa forma, entendo que as relações estabelecidas entre as crianças Laklãnõ/Xokleng e destas com os membros adultos do grupo, trazem as nuances culturais dos nossos antepassados.



Figura 3: Criança Laklãñõ/Xokleng colhendo frutos próximo a sua casa. 2014. Acervo: Wailui Marli Camlém.

Entendo que o convívio com a família é parte importante no aprendizado cultural das crianças indígenas, como é afirmado por Cohn (2000, p. 61; apud DIAS, 2015, p. 140) quando fala das crianças Xikrin:

As crianças são fundamentais na definição das categorias de identidade Xikrin, as quais, como o gênero, são o meio privilegiado de estabelecer o status social dos indivíduos: o nascimento de uma criança consome um casamento e dá aos pais a condição de adultos, tornando-os *mekrare*, ou seja, os que tem filhos. É pelo número de filhos que um homem ganha maior participação na oratória, e as mulheres se dividem para realizar atividades coletivas.

As crianças Xikrin ocupam claramente uma posição social no seu grupo, assim como as crianças Laklãñõ/Xokleng, embora hoje sua relação com o grupo se aproxime mais das relações encontradas na sociedade não indígena.

Em relação à educação da criança indígena observa-se que apesar de uma grande alteração nos costumes, ainda preserva-se um pouco os hábitos culturais. Lembrando que devido ao contato com os não indígenas muito de nossa cultura foi transformada, mas grande

parte ainda está presente em nosso cotidiano. Outro depoimento coletado para esta pesquisa junto ao ancião 2 morador da Aldeia Figueira, com 69 anos, deixa clara esta afirmação:

O menino era preparado no decorrer da sua vida e na maioria das vezes estava presente no cotidiano dos adultos, saindo para fazer coleta de frutos, caçar e pescar. Dentro do contexto da criança existiam também os rituais de perfuração labial, (não eram todos os meninos que faziam este ritual) uns poucos meninos que eram escolhidos para serem privilegiados com este ritual. Isto é como forma de preparação para a criança, como a sua identidade, seu lugar na organização social dentro do povo em que a criança viveu. Esta perfuração de lábios que eu cito é um dos momentos mais importantes que os nossos antepassados presenciavam. Realizavam este ato com grandes festas, onde o povo se reunia fazendo os seus rituais, dançando e bebendo a sua bebida que chamamos de **mõg** (que é preparada com água, mel e xaxim). A perfuração labial sempre era feita nos meninos, as meninas eram tatuadas na perna esquerda. Sempre quem era responsável destes atos era o mesmo que enterrava o cordão umbilical quando a criança nascia, o mesmo tinha o dever de acompanhar o desenvolvimento da criança, que hoje chamamos de padrinho; não significa que a educação paternal é da responsabilidade da pessoa, mas que também ela fazia parte de seu convívio dentro da comunidade com esta criança. Também relato que para fazer esta perfuração labial durante a festa é dado para a criança um gole da bebida, como se fosse uma anestesia, para que a criança não sentisse dor, e muitas vezes dormia durante o ato de perfuração. Toda a perfuração labial é feita por etapa, primeiro o início da perfuração que é para não deixar inflamar, e também já deixando preparado para a segunda etapa, algum tempo depois a segunda etapa já esta preparada, conforme a criança vai crescendo já fica uma pequena perfuração com o **gógklózy (botoque)** médio para manter até a última etapa quando já fica o **gógklózy (botoque)** permanente, assim já esta totalmente sarada a perfuração. Todo este processo é considerado como uma nova identidade para a criança, por isso os brancos nos apelidaram de botocudos. Quando a criança era raptada por invasores, tempo depois ela poderia ser identificada pelo grupo através desta perfuração. Também tenho um relato que minha mãe me contou, que um dos meus irmãos mais velhos, alguns anos atrás, apareceu um antropólogo que já não lembro mais do seu nome, mas ele teve na aldeia e pedir que alguém da comunidade mostrasse uns dos rituais da comunidade, um que estivesse mais presente entre nós, então pediu que fosse feito o ritual da perfuração labial. Minha mãe se prontificou em mostrar este ritual e pegou o meu irmão mais velho para fazer esta perfuração labial. Iniciaram a festa fazendo a bebida típica, o **mõg**, deram para o menino beber, mas acredito que não tinha sido o suficiente para anestésiar, então ele começou a chorar muito, e minha mãe com pena do meu irmão chorou também e não deixou que continuassem com a perfuração. Hoje estes rituais já não acontecem mais dentro da minha terra e da minha comunidade. O que poucas vezes acontece é que quando uma criança nasce fazemos visitas, quando esta faz parte da nossa família, ou quando é vizinho mais próximo. O que é mais permanente dentro do meu povo são os nomes indígenas dados aos seus filhos.

Hoje, dentro da comunidade indígena estas perfurações labiais não acontecem mais por vários motivos, sendo que um deles é por que realmente foram proibidos, devido às doenças, mudanças das novas gerações com visões diferentes, com casamentos com não indígena de ambas as partes, também por que a comunidade foi inserida na burocracia não indígena, usando documentos para suas novas identificações. Isto fez com que este ritual ficasse esquecido na prática, tendo sua memória histórica na oralidade do povo Laklãnõ/Xokleng.

Vemos que são muito importantes os estudos feitos sobre a criança indígena em seu mundo lúdico dentro da sua comunidade, por que o universo infantil é muito amplo. Hoje acreditamos que o aprendizado da criança vem através do convívio dela, em sua observação, que é vinculada ao seu mundo colorido, mundo cheio de sonhos, fantasias, em que eles mesmos criam ao seu redor, criando seus valores relacionados aos que ela recebe, ouve, brinca.

Em outro depoimento coletado durante a pesquisa com uma anciã 3, com 64 anos de idade, aposentada e moradora da aldeia Figueira, vemos mais dados sobre como era a vida da criança Laklãnõ/Xokleng em um passado recente:

Tenho muitas lembranças. Quando era criança tinha uma amiga que talvez eu possa dizer que era especial (...) sempre eu ia brincar com ela em sua casa. A mãe dela era bem amiga da minha mãe (a minha mãe que eu digo era minha avó, pois eu fui criada pelos meus avós maternos, mas tenho-os como meus pais, a minha mãe eu sabia quem era, mas fui criada com amor e carinho pelos meus avós). Tive bons momentos com minha amiga, tinha várias amigas, com ela eu convivia mais. Minha amiga era cega, tinha dificuldade em alguns movimentos nos braços, mas mesmo assim brincávamos de casinha, tecíamos, fazíamos cordinha de tecelagem artesanal, colhíamos frutinhas das árvores baixas para brincar. As vezes eu trazia ela para brincar comigo em minha casa (risos) quando rasgava as cinturas das nossas roupas fazia cordinhas de Imbé, ou de urtiga porque minha mãe fazia muito cobertor, então pegávamos alguns para brincar. Quando eu demorava em ir brincar ela sempre me chamava, gritava, porque os pais dela moravam do outro lado do rio. Poucas vezes vínhamos até a beira do rio porque eu tinha medo de acontecer o pior, porque éramos muito pequenas. Eu cuidava muito dela (...) gostava muito dela. Pouco tempo depois ela adoeceu e veio a falecer e aquilo foi um choque para mim, porque era a amiga que eu mais gostava. Mesmo assim frequentei casa dos pais dela, e aos meus 14 anos me casei e me tornei amiga da mãe dela. Cuidei dela porque ela tinha uma idade bem avançada. Há 11 anos faleceu a mulher que me tinha como uma filha, porque ela não tinha mais a sua filha e eu não

tinha mais a minha mãe, e nos tornamos mãe e filha, só ficou a saudade da minha amiga.

No depoimento podemos ver que a aprendizagem da criança Laklãnõ/Xokleng acontecia em diferentes espaços e contextos, com ensinamentos que faziam parte de seu próprio universo.

Considerações Finais

A criança Laklãnõ/Xokleng aprende em diferentes espaços e com diferentes mecanismos. Mesmo com a reivindicação dos direitos da comunidade, é muito importante a socialização das crianças neste espaço e das famílias que são separadas por aldeias devido à Barragem Norte, este convívio trás uma experiência muito importante, para com as crianças e seus familiares. As crianças são produtoras de seus próprios conhecimentos os quais são todos adquiridos através das vivências no mundo adulto assim como nas greves. Os anciões tem sempre um dizer “ este convívio é a verdadeira escola para a criança indígena, assim ela ouve, aprende e age para se defender”.

Nesta pesquisa observei três famílias que apresentam estruturas diferenciadas e que, diante disso, existem modos diferentes de educar, e que promovem formas diferenciadas de socialização da criança indígena. Entendo que este é uns dos limites que falamos com relação a educação da criança indígena, porque o aprendizado que a criança tem vem transmitido pelos pais, pelo convívio. A educação escolar é outro aspecto, pois traz um momento de convivência das crianças entre si. Se esta vivência é feita em escola não indígena e a criança é moradora da Terra Indígena vai gerar um tipo de interferência, podendo favorecer o jeito não indígena de educar, mas se é feita em escola indígena pode vir a proporcionar um fortalecimento da cultura Laklãnõ/Xokleng.

Vemos também vários pontos positivos dentro da Terra Indígena, pontos que servem também como uma nova experiência para o pesquisador, mas mesmo com estas

interferências, temos visto um ponto importante da escola dentro da TI e outros lugares públicos nos quais o adulto também transita.

Como a criança dos nossos antepassados conviviam com seus espaços, com a natureza, para sua própria aprendizagem dentro da comunidade, convivendo com os adultos, caminhando, vendo, aprendendo e agindo, sem nenhuma interferência cultural, onde a criança aprendia através das pessoas reais, desde seus primeiros aninhos, aprendendo com sua própria vida, vivendo no seu mundo lúdico, seu universo infantil com suas brincadeiras.

Depois do contato vemos que existem várias formas de aprendizagem da criança indígena, conforme as observações ao longo desta pesquisa. A educação das famílias é variada, a língua no meio de algumas famílias já é esquecida, as brincadeiras, o seu banho de rio, já não são os mesmos, porque hoje o rio já não é mais aquela água limpa, que acolhia os pequeninos. A tecnologia tem seu valor dentro da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, mas impede que a criança indígena crie seus próprios brinquedos e suas brincadeiras.

Dentre as mudanças ocorridas com o contato, há a atual reivindicação de alguns pais das crianças indígenas, para a formação de turmas de educação infantil, pois aquela forte interdependência que tinham com a natureza, deixou de fazer parte de seu cotidiano e agora precisam trabalhar fora da aldeia para garantir o seu sustento. Mesmo assim, não deixaram de apoiar a sistematização de um ensino, voltado para a revitalização da língua e sua cultura, importantes para manter vivos os valores e métodos tradicionais de educação e formação do indivíduo Laklãnõ/Xokleng.

Referências

BARTOLOMÉ, M. A. e BARABAS, A. M. Mediación o autogestión. Grandes represas, movimientos sociales y etnicidad. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Ano 3 (6), 1997.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 15/01/2015.

CODONHO, Camila Guedes. Ensinando e aprendendo entre crianças: exemplos a partir de uma pesquisa de campo entre os índios Galibi-Marworno do Amapá. Anais do 33º Encontro Anual da Anpocs. GT 16 - Do ponto de vista das crianças: pesquisas recentes em ciências sociais. 2009.

COHN, Clarice. A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. **Dissertação de mestrado** apresentada ao programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Fevereiro de 2000.

DIAS, Lucília. Reflexões em torno dos sentidos da infância em sociedades indígenas: uma revisão de literatura. In.: **CSONline** – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 5, ed. 12, abr./jul. 2011 Disponível em: <http://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/viewFile/1183/960>. Acesso em: 29/01/2015.

HENRY, Jules. **Jungle People**: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil. New York: Vintage Books, 1941. 216p.

MÉTRAUX, Alfred; DREYFUS-ROCHE, Simone. La naissance et la première enfance chez les indiens Cayapó du Xingu. In: _____. Miscellanea Paul Rivet. México, 1958.

NAMEM, Alexandro Machado. **Botocudo**: uma história de contacto. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1994, 111p.

NUNES, Ângela. A Sociedade das Crianças A'uwê-Xavante – por uma antropologia da criança. Dissertação de mestrado, USP, 1997.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Edeme, 1973. 313p.

_____. **Os índios Xokleng**: memória visual. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajai]: Ed. da Univali, 1997. 152p.

SCHADEN, Egon. Educação e magia nas cerimônias de iniciação. IN: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, n.8, v. III, 1945.

TASSINARI, Antonella Imperatriz. O que as crianças têm a ensinar a seus professores? In.: Revista Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <http://apm.ufsc.br/files/2011/05/129.pdf>. Acesso em: 15/01/2014.

TEIXEIRA, Maria das Graças Souza. **A criança indígena no seu universo lúdico**. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/maria_gracas_souza_teixeira.pdf. Acesso em: 20/01/2015.

WEBER, Cátia. Tornar-se professora Xokleng/Laklano: escolarização, ensino superior e identidade étnica. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Educação. 2007.